



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Centro de Artes, Humanidades e Letras

**DJALMA DE JESUS SANTANA**

**MEMÓRIA, TRADIÇÃO E ORALIDADE: Aspectos educacionais na Irmandade  
da Boa Morte.**

**Cachoeira, 2018**



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Centro de Artes, Humanidades e Letras

**DJALMA DE JESUS SANTANA**

**MEMÓRIA, TRADIÇÃO E ORALIDADE: Aspectos educacionais na  
Irmandade da Boa Morte.**

Trabalho apresentado ao colegiado do curso de História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em História sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Solyane Silveira Lima.

**Cachoeira  
2018**

A mulher mais importante e essencial na minha trajetória de vida, minha mãe, dona Maria. e ao meu pai (in memória) homem humilde trabalhador de fibra com uma conduta ilibada.

## AGRADECIMENTOS

Ao Criador ser supremo, o que nutre, guia, conduz e nos fortalece e, que se fez presente nessa caminhada através destas ações, de modo especial nos primeiros passos nesta trajetória acadêmica. Rogo a grade arquiteto de universo que continue a contribuir nos passos futuro.

A minha família e, ao meu pai (in memória) o qual não tive a oportunidade de lhe pedir e oferecer o meu perdão! Família suporte para minha trajetória de vida o porto seguro para os momentos dificuldade, a qual expresso minha gratidão com carinho e afetividade, através de meus sentimentos emanado do centro do meu amago.

A minha esposa e companheira, Ednalva, mulher de personalidade forte, engenhosa, geniosa, profundamente decidida, senhora de seu destino protagonista de sua história extremamente dedicada nas ações altruísta. E como tal foi fundamental no transcorrer da minha graduação. Assim é a mulher carinhosamente chamada por me Fia a quem manifesto gratidão.

Ao meu filho, Caique a quem tenho infinito prazer de ser chamado de pai, meus agradecimentos por sua paciência e tolerância nos mementos de desânimo, stress e mal humor. Momentos esses que você filho, mesmo distante esteve sempre presente como parceiro solícito as minhas dificuldades.

Aos meus colegas de curso, os quais tive o prazer de exercer trocas mutuas de saberes, os quais sou muito grato. Aos poucos amigos e amigas que neste espaço immortalizo seus nomes, Regina Mesquita a quem tenho como irmã, Maria Helena, Reinaldo Barreto e Wilson Badaró os quais se somaram grandiosamente no realizar deste sonho. A estes congraço meus sinceros agradecimentos.

As irmãs entrevistadas os meus sinceros agradecimentos por seus despendimentos de seu rico tempo para nos receber em suas casas, no seio de suas famílias com humildades, respeito e dedicação sempre solícitas as nossas demandas o que nos proporcionou apoio fundamental no edificar de nossa pesquisa.

A minha orientadora Prof. Dr<sup>a</sup> Solyane Lima uma pessoa dedica no seu exercício laboral o meu cordial agradecimento por seu comportamento meigo pautada na gentileza. De modo que exercitou suas funções com urbanidade durante as sessões de orientação

**“Mesmo que já tenha feito uma longa caminhada, sempre haverá mais um caminho a percorrer”.**

**Santo Agostinho**

## **RESUMO**

O corrente artigo analisa aspectos educacionais que se realiza em uma teia criativa de mútuas trocas de saberes presente no seio da irmandade da boa morte na longa duração, ou seja, desde a sua fundação, na cidade de Salvador, até sua contemporaneidade, na cidade de Cachoeira, perpassando os séculos XIX a XXI. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica e utilizamos a História Oral como fonte, apoiados nas contribuições metodológica da nova História Cultural, pautada em práticas e representações. Nessa perspectiva constroem-se o enredo, cujo elenco protagonista são as mulheres negras com dupla pertença religiosa, resultante de articulações híbridas, independentes e consciente de sua ancestralidade africana, autoras e sujeito da história. Por fim, constatamos uma modalidade de educação não-formal, estruturada em uma hierarquia e disciplina conforme a trajetória de vida das anciãs e, difundida de geração em geração através da tradição oral, que está alicerçada nos pilares: ritos, costumes e preceitos. Portanto, uma maneira de educar que se expressa na formação para cidadania, com ênfase no cotidiano de cada indivíduo.

**Palavras-chave:** Educação. Irmandade da Boa Morte, Mulheres-negras, Saberes.

## **ABSTRACT**

**This current article analyzes educational aspects that happen in a creative web of mutual exchange of knowledge, present in the core of the Irmandade da Boa Morte (Brotherhood of Good Death) on the long run, in other words, since it's foundation, at the city of Salvador, it's contemporaneity inserted in the society of the city of Cachoeira, running through the centuries, XIX untill XXI. Therefore we developed a bibliographic research and we use the Oral History as source, supported on methodological contributions of the historiographic modality, the new Cultural History focused in practices and representations. In this perspective, they build a scenario who the protagonist cast are black women with dual religious confession, as result of hybrid articulations, independents and conscious of their African ancestry, authors and subject of History. Lastly, we verified a non-formal modality of education, structured under a hierarchy and discipline according the life trajectory of the elderly women and difused from generation to generation through oral tradition, that is based on these pillars: rites, mores and precepts. Thus, a way of education that express itself on the formation for citizenship, with emphasis on the daily life of each individual.**

**Keywords: Education. Irmandade da Boa Morte. Black Women. Knowledge.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 METODOLOGIA .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A CIDADE DE CACHOEIRA – BA .....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 A IRMANDADE DA BOA MORTE .....</b>	<b>15</b>
<b>2.2 AS IRMANDADES NO BRASIL .....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 A FUNDAÇÃO DA IRMANDADE DA BOA MORTE A TRANSFERÊNCIA PARA CIDADE DE CACHOEIRA .....</b>	<b>21</b>
<b>3 ASPECTOS EDUCACIONAIS .....</b>	<b>24</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>REFERENCIAS</b>	
<b>ANEXOS A – ROTEIRO DA ENTREVISTA</b>	

## INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por objetivo analisar os aspectos educacionais e as relações de natureza pedagógica no enredo da Irmandade da Boa Morte, buscando entender seus estímulos, práticas e representações e suas abordagens em prol do “educar” que se realiza em uma teia criativa de mútuas trocas de saberes, assim como suas particularidades. De modo que, a pesquisa está inserida no viés qualitativo<sup>1</sup>. Em consonância com que descreve MINAYO (1994),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22).

É nesses encadeamentos que buscamos nos aproximar do objeto. E, que se configura à pesquisa, tal qual propaga-se na realidade expressa na subjetividade de mulheres negras desejosas por suas liberdades cidadãs.

A sondagem tem como recorte espacial a cidade de Cachoeira, de modo que o agente motivador é a Irmandade da Boa Morte e o referencial, as Mulheres Negras, suas atividades, ritos, costumes e preceitos. E no quesito temporalidade está sob a história do presente, entretanto recuamos na historicidade que contextualiza a gênese da Irmandade, nas expressões das tradições pertinentes à instituição.

Por certo o processo do encadeamento metodológico descrito no campo Metodologia potencializam nosso objeto de pesquisa, a Irmandade da Boa Morte, cuja é constituída, no passado e na contemporaneidade, de mulheres negras com dupla pertença religiosa, resultante de articulações híbridas independentes, expressas nas suas práticas e representações, suas tradições pautadas na ancestralidade; para além da finalidade social e suas estratégias em rede de solidariedade cujo espaço sinalizava, de certo que sentença é verdadeira, ainda que momentânea uma autonomia étnico-racial, negra. Neste palco, mulheres coadjuvantes, construíam identidades sociais significativas, com o propósito de barganhar uma efetiva cidadania de modo a torna-se autoras principais de suas histórias de vida.

---

<sup>1</sup>MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria método e criatividade. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

São estas histórias de vidas que nos deram fôlego, combustíveis para o desenrolar da pesquisa, pautada na realidade expressa nas entrevistas forjadas na subjetividade de cada mulher, sujeito da história, que se relaciona e compartilha, na manifestação de sua liberdade, numa condição cidadã.

Isto é, sob a teia desta rede solidária de troca de saberes que enfatiza e, estimula uma educação propagada de geração em geração, pautada pela transmissão oral, na qual a História Oral<sup>2</sup> é o fio condutor dessa pesquisa. Conforme sinaliza (AMADO, J.; FERREIRA, M. M. 1996, p.15):

O objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes, (AMADO, J.; FERREIRA, M. de M., 1996, p. XV).

Assim sendo, é na reminiscência da trajetória de vida de mulheres inseridas no contexto da Irmandade da Boa Morte que está norteadada à nossa pesquisa.

Enfim compreendemos que no ventre da irmandade da boa morte está contida uma pedagogia educacional, não sistematizada, porém traçada numa estrutura de transmissão de troca de saberes e costumes, pelo viés da memória e oralidade, capaz de despertar o sentimento de pertencimento no gestar de uma identidade social a partir de valores e apropriação de uma ancestralidade, difundida numa pujante troca de saberes.

## **1. METODOLOGIA**

Ao que tange ao método, usaremos recursos atinentes da História Oral, com status de metodologia, que passaremos a descrever na sequência: coletas de dados verbais utilizando o a técnica da entrevista semiestruturada cuja ferramenta é a entrevista narrativa. Essa ferramenta nos permitiu estimular os entrevistados a se sentirem mais à vontade os tornando muitíssimos solícitos, empregamos uma linguagem fluida, ou seja, o exercício de fala que possibilitou uma comunicação próxima do cotidiano do entrevistado. Fato que, explicitou o sentimento de confiança mútua.

---

<sup>2</sup>AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

Na sequência elencaremos o delineamento metodológico o qual executamos no transcorrer processual da pesquisa. O primeiro passo foi o contato prévio, um diálogo informativo acerca do objetivo e hipótese da pesquisa e, o agendamento do dia e hora da realização da entrevista. Assim, efetuou-se a coleta de dados. Após a coleta segue-se a próxima etapa do processo.

Sendo assim vem a etapa de transcrição dos dados aferidos junto ao entrevistado, passo entre a coleta de dados e a análise, o que a torna de suma importância para o êxito da pesquisa. Optamos por uma transcrição mais detalhada com as percepções de entonações da fala, sotaques, regionalismo e erros na fala do informante. No curso do processo é chegada o momento da análise.

Então finalizando esta série de encadeamento do processo da construção do sistema descritivo. É chegado o fim desse ciclo, a análise de dados. Neste é imprescindível que haja o diálogo entre os resultados e a pesquisa, pois, sem o efetivo diálogo não há como se chegar a uma compreensão dos resultados transcritos em relatório.

Então, para alcançar os objetivos propostos, organizamos este artigo em três momentos. Inicialmente contextualizaremos a cidade de Cachoeira. E em seguida apresentaremos uma relação de trabalhos, frutos da revisão bibliográfica, no qual abordamos uma síntese do conteúdo de cada obra; em continuidade realizaremos um apanhado histórico acerca das irmandades no Brasil, perpassando pela fundação da Irmandade Boa Morte e, elencamos as circunstâncias e narrativas da transferência dessa irmandade, de Salvador para Cachoeira; enfim, o objetivo da pesquisa, trataremos dos aspectos educacionais e ou pedagógico presente na instituição – Irmandade da Boa Morte. Nesta perspectiva analisamos as entrevistas gentilmente fornecidas pelas irmãs da Boa Morte.

## **2. A CIDADE DE CACHOEIRA - BA**

De acordo com o IBGE, a cidade de Cachoeira está localizada na Região nordeste do Brasil, Bahia, dista 120 quilometro da capital Salvador; sua localização é

de: latitude 12° 37' 06" S longitude 38° 57' 21" W e altitude: 5m, com uma área: 400 Km. O Município é constituído de três distritos: Cachoeira (Sede), Belém da Cachoeira e Santiago do Iguape<sup>3</sup>.

A Vila e Freguesia de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira foi instalada em 07 de janeiro de 1698, e elevada à categoria de cidade por decreto imperial de 13 de março de 1837, Lei Provincial 44, para onde se deslocaram os ricos da época, futuros senhores de engenhos. “Tão rica era a Vila que, em 1756, o Rei de Portugal resolveu taxá-la numa vultosa quantia, revertida para a recuperação da cidade de Lisboa, quase totalmente destruída por um terremoto” (IBGE, Câmara Municipal de Cachoeira, Bahiatur).

Além disso, a Cidade de Cachoeira figurou dentre os maiores entrepostos comerciais no período colonial e imperial, no XVIII-XIX e com um importante cultivo de fumo, de grande destaque na rota do tráfico negreiro. De acordo com Reis<sup>4</sup>,

Cachoeira está localizada no Recôncavo Baiano, as margens do Rio Paraguaçu, navegável até sua foz na Baía de Todos os Santos, o que permite comunicação direta por barco com Salvador. Era o segundo porto mais importante da Bahia. Estava no coração da região dos engenhos, embora sua principal produção fosse o fumo [...]. A maior parte da produção, no entanto, um fumo de pior qualidade, era utilizada como moeda no tráfico de escravos, sobretudo no Golfo de Benin, de onde vinha nessa época, a maioria dos escravos da Bahia. Muitos escravos reexportados para a região das Minas Gerais através da Bahia passavam por Cachoeira, que estava na rota desse tráfico interno. A cidade, era sob vários aspectos, um polo importante da empresa escravista colonial. (REIS, 1988, p.35).

Mas, de acordo com IBGE, no transcorrer do século XIX, Cachoeira se projetou definitivamente no cenário da história política, gozando de volumoso prestígio e de enorme relevância da economia baiana e brasileira. Paralelo ao seu desenvolvimento econômico, a cidade crescia em importância política, com seu prestígio, tempo depois foi honrada com as visitas ilustres de D. Pedro I, D. Pedro II, Princesa Isabel e Conde D'Eu.

Em contrapartida, pairava sobre a cidade uma nebulosa divergência de ideias, que tencionava a convivência harmônica da população. Na sua configuração política

---

<sup>3</sup> Informações retiradas do site: <<https://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2018.

<sup>4</sup>Reis, João José. **Magia jeje na Bahia**: A invasão do calundu no pasto de Cachoeira, 1785. São Paulo, Revista Brasileira de História, v. 8, n. 16. 1988.

administrativa era pressionada pela elite que protestava contra às manifestações culturais, costumes e a religiosidade de uma parcela numericamente expressiva dessa população, homens e mulheres, livres e cativos. Em consonância com historiador (FERREIRA 2009 em sua obra *O poder dos Candomblés*) Dentre essas manifestações podemos elencar batuques, samba, caretas, bozós e os candomblés. As quais eram rotuladas como “desordem” e “fetichismos” por parte da população diminuta, a elite branca, que reclamavam reformas civilizatória e ou higienizantes, capaz de eliminar e ou esconder todas e quaisquer manifestações desta parcela da população.

Esses reclamem estão ancorados sob véis da segurança pública. Citando Ferreira (2009), a mídia da época, de modo especial o jornal “A Ordem” desencadeou uma campanha sistemática em oposição aos costumes e prática da população negra, força motriz da engrenagem da sociedade cachoeirana, o que contribui significativa e simbolicamente no forjar do mito da “a cidade do feitiço”<sup>5</sup>, conforme descrito abaixo.

A Ordem, editado por 65 anos consecutivos, entre 1870 e 1935. Por ter sido o jornal de maior circulação do interior do Estado, sua campanha contra as práticas culturais e religiosas afro-baianas, em especial contra os candomblés, a despeito das intenções da redação do periódico, muito contribuiu para a construção social de Cachoeira como “a cidade do feitiço”. (FERREIRA, 2009, p. 22).

Neste véis, a Cidade de Cachoeira ainda hoje, goza pejorativamente de resquício desta construção do mito, cidade do feitiço, que está presente no imaginário popular.

A Cidade de Cachoeira foi pioneira no movimento emancipador e núcleo das lutas armadas em prol da Independência do Brasil contra os invasores portugueses, na missão de expulsá-los. Todavia os portugueses gozavam do apoio, de uma fração da sociedade baiana, e, recebiam patrocínio da classe economicamente privilegiada, conforme descreve o historiador Guerra Filho<sup>6</sup> (2004),

Na Bahia, uma classe mercantil pujante conseguiu manter, em grande parte às suas expensas, tropas portuguesas fiéis ao governo de Lisboa.

---

<sup>5</sup>Ferreira, Edmar Santo. **O poder dos candomblés**: perseguição e resistência no Recôncavo da Bahia. Salvador: EDUFA, 2009. 209p.

<sup>6</sup>Guerra Filho, Sérgio Armando Diniz. **O povo e a guerra**: participação popular nas lutas pela Independência na Bahia. Dissertação/História - UFBA. Salvador/BA, 2004.

Para isso se fez uma guerra que, ao final, incorporou a Cidade da Bahia ao Império Brasileiro. (GUERRA FILHO, 2004).

No curso desse embate desembarca em Salvador, enviado de Portugal o Brigadeiro Madeira de Melo, nomeado como comandante das Armas da Bahia, episódio primeiro que potencializou animosidade entre nativos – brasileiros e os portugueses.

Já o segundo episódio ganha corpo em 19 de fevereiro de 1823, cuja as tropas portuguesas invadiram o Convento da Lapa na busca por soldados brasileiros. “Ao tentar impedi-lós de entrar, a soror<sup>7</sup> Joana Angélica, 60 anos, foi morta a golpes de baioneta, transformando-se na grande mártir da guerra pela independência na Bahia”. Como sinaliza (LILIANA PEIXINHO<sup>8</sup>, 2016)

A autora acrescenta, que com a morte de Joana Angélica, incitou os baianos, que em massa, se deslocaram de Salvador em direção à cidade de Cachoeira, a qual passou a atrair retirantes de outras localidades, como Santo Amaro da Purificação. Neste período Cachoeira transformou-se na base de apoio, espécie de quartel general da resistência aos portugueses.

Como resultado da efetiva participação da cidade nesta circunstância beligerante, assim como sob a motivação da conquista e empenho do povo que literalmente doou seu sangue, na defesa dos seus familiares e de sua integridade física, de seu cotidiano, de sua “liberdade” e, na defesa da soberania do seu Estado - Bahia. Nesta confluência está, efusivamente, inserida a Cidade de Cachoeira<sup>9</sup>.

Em contraste a toda pompa e circunstância, a cidade de Cachoeira entrou em um vertiginoso declínio de vícios político e econômico, a partir de 1940, perdendo gradativamente a sua importância, à medida em que intensificava o processo de seu isolamento. De forma que as crises se sucederam, sobretudo, na indústria fumageira da cidade, chegando ao fechamento de fábricas e por isso as lavouras de fumo que ocuparam posição de liderança por mais de dois séculos, foram gradativamente

---

<sup>7</sup>Substantivo feminino, Tratamento dado às freiras – irmã - (Correspondente feminino de frei).

<sup>8</sup>Peixinho. Liliana. **A guerra que orgulha a Bahia** Ipea. Desafio e Desenvolvimento. 2015. Ano 12. Edição 85 – 2016.

<sup>9</sup>A Cidade de Cachoeira conquistou o direito, oficialmente como sede do Governo Baiano, tradição que na atualidade é reproduzida, em virtude da data comemorativa do 25 de junho de 1822, em alusão as lutas pela Independência da Bahia. Por conseguinte, a Cidade de Cachoeira, “Cidade Heroica”, assim denominada pela lei nº 43, de 13 de março de 1837, em virtude dos seus feitos; e tornou-se Sede do Governo Provisório do Brasil por duas oportunidades: durante a guerra da Independência em 1822 e, em 1837, quando ocorreu o levante da Sabinada.

migrando para outras regiões. O que ocasionou a perda da liderança e primazia a outras localidades.

Portanto, é na configuração descrita nesta seção, que a Cidade de Cachoeira se constitui no cenário próprio e adequado para o florescer da Irmandade da Boa Morte, cuja transferência de Salvador para à Cidade de Cachoeira ocorreu no alvorecer do século XIX. Em seguida nos debruçaremos sobre a gênese, a historicidade e a trajetória desta irmandade em solo Cachoeirano.

## 2. A IRMANDADE DA BOA MORTE

Ciente da existência de um número significativo de trabalhos sobre a irmandade da boa morte elencamos os seguintes: 1. A Irmandade da Boa Morte: memória, intervenção e turistização da Festa em Cachoeira<sup>10</sup> “A pesquisa tem por objetivo geral, analisar o processo de turistização da Festa da Irmandade da Boa Morte e, seu objetivo específico é avaliar os aspectos da festa que se referem, mais diretamente, à Irmandade; descrevem as formas de intervenção dos agentes externos; e tem por finalidade identificar os fatores motivacionais dos turistas que frequentam a festa. Assim neste particular usa o conceito de “Turização” seguinte: ‘o modo pelo qual as potencialidades se circunscrevem a um processo de planejamento que objetiva convertê-las, material ou simbolicamente, em recursos e produtos predominantemente destinados ao consumo turístico’ cunhado por (BENEVIDES, 2002). Nesta perspectiva, autora aponta os atrativos turísticos localizados no Estado, na região fisiografia conhecida como Recôncavo Baiano, constitui-se como uma das áreas de maior potencialidade. A festa da Irmandade da Boa Morte, realizadas em agosto, proporcionam considerável repercussão midiática nacional e internacional. Entre as dinâmicas sócio-culturais existentes em Cachoeira, as festividades se configuraram em um dos principais produtos turísticos da região. O estudo da Irmandade dar-se-á pelo viés da memória, demonstrando sua relevância histórica e aspectos de sua atuação proporcionados em teias de significações e referenciais simbólicos que vêm situá-la, até os dias atuais, como referência em se tratando do Recôncavo. Entretanto a autora elenca nas suas considerações finais,

---

<sup>10</sup>CASTRO, Armando Alexandre Costa de. **A Irmandade da Boa Morte: memória, intervenção e turistização da Festa em Cachoeira, Bahia. Ilhéus (BA): UESC, 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade Federal da Bahia.**

aspectos preocupantes devido à postura dos órgãos públicos quanto à cultura de sua população: desprezo, comércio ou baixa sensibilização.”; 2. Poder feminino e identidade na Irmandade da Boa Morte<sup>11</sup>, “O presente trabalho propõe estudar a Irmandade da Boa Morte, tendo como foco as identidades religiosas e as dimensões do poder feminino tanto no contexto da hierarquia religiosa em que se insere quanto no cotidiano das irmãs. A autora utiliza-se da memória, da tradição e da oralidade, das trocas de saberes e, de seus costumes, patrimônio cultural da África ancestral, a partir de entrevista de mulheres, senhoras na melhor idade, inseridas com status de irmãs da boa morte independentes e autônomas que resistiram e preservaram o seu poder dentro e fora dos limites da irmandade. Assim essas mulheres, negras irmãs, legitimaram sua posição como meios que para se definir numa sociedade, em transformações socioeconômicas, excludente e preconceituosa e suas regras de exploração em especial no seio religioso. As quais formataram no passado, rompendo barreiras seculares, e dão continuidade a instituição, tecendo redes de solidariedades, que ora determinam o seu lugar social.”; 3. A irmandade de nossa senhora da boa morte, uma perspectiva museológica e de gênero<sup>12</sup> “a pesquisa versa sobre questões museológicas e de gênero na Irmandade da Boa Morte, em que mulheres negras contribuiu para manutenção da memora Afro-brasileira.”; enfim, 4. Festa da Boa Morte patrimônio Cultural da Bahia. IPAC. Cachoeira – Bahia<sup>13</sup>. “O Governo do Estado/ Sec da Cultura – IPAC visa majoritariamente através da iconografia publicitar a festividade e religiosidade do povo baiano mostrando os aspectos sacro e profano”. 5. Senhoras do cajado: A Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos<sup>14</sup> “Esta obra tem por objetivo e analisar a Senhora do Cajado - irmandade da boa morte como uma porta de entrada para conhecer a formação cultural e histórica de São Gonçalo dos Campos, o cotidiano dessas irmãs, os valores concebidos, suas origens afro e suas visões de mundo. Que fixa no espaço temporal nas primeiras cinco décadas do século XX, período de crescimento industrial e, conseqüentemente, das forças populares. Assim como é o período áureo da

---

<sup>11</sup>MACHADO, Luana Verena Nascimento. **Poder feminino e identidade na Irmandade da Boa Morte**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2013.

<sup>12</sup>Silvia. Livia Maria Baêta da. **A irmandade de nossa senhora da boa morte, uma perspectiva museológica e de gênero**, Bolsista do PIBIC/CNPq/UFBA, estudante de Museologia da UFBA.

<sup>13</sup>Festa da Boa Morte patrimônio Cultural da Bahia. IPAC. Cachoeira – Bahia, 2011.

<sup>14</sup>Luciana Falcão Lessa. **Senhoras do cajado: A Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo dos Campos / - Salvador: EDUFBA, 2012.**

Irmandade da Boa Morte, uma das maiores expressões da religiosidade popular no município. A pesquisa tem por objetivo específico entender a formação cultural de São Gonçalo dos Campos, se configurando como uma obra desbravadora, no intuito de levantar fontes históricas sobre o município. E tem por finalidade registrar as experiências de vida, as práticas e representações de um grupo de mulheres negras e solteiras, que trabalhavam por conta própria, e seus conflitos pessoais e com a sociedade como um todo. De certo o presente trabalho insere-se na História Cultural. Na perspectiva de possibilitar as pessoas das camadas menos abastada sejam observados ou constituídos como agentes de sua própria história (cultura), estes homens e mulheres das camadas da cidade criavam, partilhavam e se apropriavam de valores, hábitos, atitudes, músicas, danças e festas.”

Os trabalhos supracitados compreendem o exercício revisional da bibliográfica pertinente a nossa temática e ou objeto de estudo. Todavia a produção acima relacionada não está aliada à finalidade do presente artigo. Contudo se faz necessário expressar a importância do conjunto, o qual estimulou e fez florescer novas ideias que alicerçaram a base construtiva da nossa pesquisa.

## **2.1 AS IRMANDADES NO BRASIL**

Historicamente as irmandades foram criadas por homens brancos, dedicados e devotados aos “santos católicos”. Ademais essas instituições foram pensadas como instrumentos de adstração de povo negro, desenraizados de sua terra natal e, lançado em um ambiente que lhes era hostil, controlado por valores e pela cultura dos povos invasores e colonizadores. Como parte de um processo de alienação, idealizado pelo homem branco, sob égide do cristianismo, detentores do poder político e socioeconômico da sociedade baiana dos séculos XIX e XX.

Apesar de todas às adversidades constituídas por preconceitos advindas das tensões étnico-raciais produto da “mentalidade” da época. Homens e mulheres se insurgiram neste cenário de submissão que, paradoxalmente suscitavam fragmentos de liberdade à população de cativos.

Então, esta atitude de insurgir-se protagonizada por homens negros e posteriormente por mulheres negras é fruto da resistência, nutridos pelo desejo de homens e mulheres em traçar seu próprio destino com autonomia, ainda que discreta.

Sendo assim negros e negras apropriaram-se desses espaços de “liberdade”, fomentando reflexões múltiplas, as quais os guiaram no forjar de irmandades genuinamente constituída por homens negros e, de mulheres negras buscando preservar costumes e tradições culturais e suas Africanidades com base no hibridismo, como argumenta Burke (2010, p. 51).

A metáfora botânica ou racial mais vívida de “hibridismo” ou “hibridização” em francês métissage, em português, em espanhol mestizaje, em italiano letteratura meticcica, em inglês hybridity, foi especialmente popular nos séculos XIX e XX, tendo surgido a partir de expressões insultuosas como “vira-latas” ou “bastardo” e dando origem a sinônimos como “fecundação cruzada”. Os conceitos de métissage e interpenetração foram centrais nas análises da religião afro-americana feitas pelo sociólogo Roger Bastide. (BURKE, 2010, p.51).

A gênese se estabelece a partir da imaginação individual e coletiva e coabitam em um processo de reconversão do patrimônio, na contemporaneidade de momento, todavia não se realiza de forma elaborada, o que não acarreta em fácil incorporação e fusão de culturas – a hibridação.

A hibridação, seja ela consciente ou inconsciente é processual e conduz à síntese e à emergência de novas formas. Todavia o fenômeno do hibridismo, no seu viés positivo, é sinônimo de encontro cultural, encoraja a criatividade e apresenta-se como inovador; enquanto o conceito propriamente dito de hibridismo é, para dizer o mínimo, “ambíguo” e “escorregadio”, à medida que “evoca o observador externo que estuda a cultura como se ela fosse a natureza e os produtos de indivíduos e grupos como se fossem espécimes botânicos”. (BURKE, 2003, p. 55).

Nesses espaços híbridos – mesclados, resultantes do cruzamento de culturas diversas - homens e mulheres vivenciavam e conciliaram, conflitos étnico-raciais presente nesta convivência. Neste particular, as irmandades negras serviram como termômetros mensurador dessas inquietações, como opina Reis (1996) “as irmandades servem como um bom termômetro das tensões no interior da comunidade negra no tempo da escravidão e do tráfico atlântico de escravos”. O que nos leva a crer que havia

uma contenda entre as diversas etnias, ainda que involuntariamente e que se replicou em solo baiano.

Entretanto as irmandades eram para os negros e negras, cativos e recém alforriados, o local de atuação social onde esses homens e mulheres enxergava como oportunidade de “ascensão social”, é nesta perspectiva as irmandades proporcionava aos seus membros uma comedia melhoria no labor diário. Apesar de, as irmandades eram genuinamente constituídas por pessoas de cor que continuavam subordinados aos “senhores” homens brancos sob a égide do cristianismo, ou seja, da igreja católica, como descreve (Gonçalves, 2010).

Embora tenham constituído suas irmandades, os negros e os mulatos continuavam subordinados ao controle dos brancos; eram organizações leigas, mas “tinham sua direção diretamente subordinada ao vigário que controlava as decisões”. Essa subordinação corresponde à fase de mudança das instituições católicas “fim do regime do Padroado”, e foi necessário ao clero tomar medidas que garantissem sua unificação e sua autoridade sobre os leigos, “organizados em irmandades, confrarias, com lideranças leigas e autônomas”. O clero retomou o controle e centralizou o poder no Papa. Esse processo ficou conhecido como a “romanização do catolicismo brasileiro”. (GONÇALVES, 2010).

Outrossim, as irmandades ressaltam uma discreta e ou comedia autonomia, portanto foi possível forjar significativas identidades sociais e nos leva a crer que foi terreno fértil para o germinar da semente de uma “consciência negra”, a qual projetou-se para futuro. E na contemporaneidade são observadas, conservadas através das tradições, dos costumes, dos ritos, das cantigas, das vestes, dos acessórios e na culinária, capitaneados pela Irmandade da Boa Morte no agir e interagir de seus membros.

Por certo, as irmandades eram compostas de homens negros e as mulheres negras eram minoria. Porém, eram aceitas, haja vista que eram agentes aglutinadoras e pacificadoras das tensões de cunho étnico, com descrito por Reis<sup>15</sup> (1996).

As mulheres eram um fator de aglutinação, de pacificação da animosidade étnica. É provável que aí resida um elemento de pragmatismo masculino. Os jejes podiam estar jogando com um dado demográfico: as mulheres eram escassas na comunidade africana,

---

<sup>15</sup>REIS, João José. **Tempo, Identidade e Diversidade étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 7-33. 1 3.

derivando talvez daí o interesse dos homens de recrutá-las para as irmandades, independente de suas origens, e com isso aumentar o mercado afetivo disponível. (REIS, 1996 p. 15).

Portanto, as mulheres tinham uma presença diminuta nas irmandades e eram invisibilizadas ou vistas como objeto, desejadas para aumentar o mercado afetivo dos homens. É importante atentarmos que no viés demográfico o percentual populacional feminino era numericamente menor em relação ao contingente masculino, inserido na comunidade africana.

De forma que esse enredo perpassa por uma questão de gênero e está contida na obra supracitada, cujo autor discorre sobre, na seção intitulada “a política da diferença”, mas não é nossa finalidade. Entretanto é significativo explicitar que às irmandades negras configuraram-se numa teia de rede solidária, vivenciada como “família ritual”. Apesar disto, essas pessoas forjaram, criativamente, um gênero de família que perpassa os laços consanguíneos, a família extensa, nesta está evidente o protagonismo de mulheres negras. Como descrito por Reis<sup>16</sup> (1998)

Um fato importante e que merece ser aqui mencionado foi o destacado papel das mulheres no sentido de defender e preservar a família negra. Elas foram as principais protagonistas das nossas muitas histórias de resistência contra a violência que se abatia sobre sua parentela. [...] A família escrava o fato da família escrava não se basear necessariamente no casamento legal e nem mesmo na coabitação do casal, não desqualifica como relações de parentesco aquelas desenvolvidas entre seus membros. Nem no sentido afetivo, nem no biológico, torna essas relações menos intensas e significativas do que as que ocorrem nas famílias nucleares, convencionais. [...] A ideia mais ampla de vida familiar e afetiva do escravo lançamos mão de todo e qualquer indício de relações envolvendo mulheres e seus filhos, "amásios", "parceiros", "camarada" ou as que permitiam perceber as relações entre irmãos, tios e sobrinhos, fossem todos escravos ou a mistura muito frequente entre familiares escravos com livres e libertos. [...] O fato da família escrava não se basear necessariamente no casamento legal e nem mesmo na coabitação do casal, não desqualifica como relações de parentesco aquelas desenvolvidas entre seus membros. Nem no sentido afetivo, nem no biológico, torna essas relações menos intensas e significativas do que as que ocorrem nas famílias nucleares, convencionais. (REIS, 1998, p. 22, 73, 111 e 112).

Nesse processo fica evidente a relevância à preservação da família solidária como viés de resistência. Assim de forma análoga e concomitantemente em adição à

---

<sup>16</sup>REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. **Histórias de vida familiar e afetiva de escravos na Bahia do século XIX**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia, Salvador-Bahia. 1998.

família extensa convém abordar à manifestação da “família de santo”, forjada no interior das inúmeras comunidades, constituídas no advento da diáspora negra. Sobre o manto de uma africanidade-religiosa, candomblés se constituíram como substitutiva da família consanguínea, ora sobre hiato permanente. Assim sinalizada por Luz<sup>17</sup> (2013),

A “família-de-santo” dos candomblés substituiria importantes funções e significações da família consanguínea desbaratada pela escravidão e, dificilmente, reconstruída na diáspora. Foi na mesma brecha institucional que a irmandade penetrou, formando outra alternativa de parentesco ritual. (LUZ, 2013, p. 12).

Mas, é pertinente termos em mente que corpos negros trazidos para o território brasileiro, espaço estranho e hostil, foram escravizados, apesar de forjarem e articularem diferentes maneiras de se organizarem. E as irmandades são exemplos deste cabedal contributivo numa perspectiva de resistência e identidade. Com o tempo as mulheres negras atentaram para a necessidade de edificar um espaço em que fossem as protagonistas da sua trajetória. O despertar deu ênfase à uma confraria composta por mulheres de cor.

Seja no passado ou na contemporaneidade, as mulheres de origem humilde: Cozinheiras, lavadeiras, mucamas, costureiras, doceiras, amas-de-leite, ganhadeiras, baianas de acarajés, donas de casa, etc, muitas das quais alijadas de sua cidadania plena, foram no passado e são no presente, a matéria prima na formação das irmandades de mulheres negras, especificamente a Irmandade da Boa Morte.

### **2.3 DA FUNDAÇÃO DA IRMANDADE DA BOA MORTE A TRANSFERÊNCIA PARA CIDADE DE CACHOEIRA**

De acordo com a revisão bibliográfica a qual nos cercamos para efetivação deste trabalho, bem como, o registro de alguns pesquisadores e historiadores, verificamos a existência de uma lacuna documental sobre a temática. Fato que dificulta a pesquisa no

---

<sup>17</sup>Luz, Itacir Marques da. **Sobre o caráter educativo das irmandades negras no Brasil oitocentista.** Conhecimento histórico e dialogo social. Natal - RN, 22-26 julho, 2013, ANPUH.

viés temporal em relação à gênese da criação da Irmandade da Boa Morte. Como afirma Verger<sup>18</sup>(1999).

[...] aponta que quando se trata de se localizar historicamente da fundação da Irmandade da Boa Morte em terras baianas, as lacunas documentais são uma constante, [...] a Irmandade da Boa Morte funcionou inicialmente na ladeira do Berquo, nos fundos da Igreja da Barroquinha e as mulheres nagôs, independentes, comerciantes empreendedoras, que enriqueciam mais que os homens, donas de suas casas, de uma aparência católica praticante, dirigentes das cerimônias escondidas de candomblé, conseguiram demonstrar seu espírito de dominação na criação de irmandades católicas como é o caso da Boa Morte. (VERGER, 1999, p. 53).

A transferência da Irmandade da Boa Morte de Salvador para à Cidade de Cachoeira ocorreu por motivos diversos dentre os quais ressaltamos a ideologia da elite política, branca, motivadas por ideias, reformas, civilizatórias e higienizantes, haja visto a proximidade da sede da irmandade com a sede do governo Baiano. Essa elite pressionava e protestava contra às manifestações religiosas do povo de santo, os candomblés.

O outro pretexto perpassa pela intencionalidade de mulheres gestoras da irmandade, estimuladas do ponto de vista socioeconômico, neste particular é possível elencar a pujança do desenvolvimento da cidade, no alvorecer do século XIX. Esta justificativa é corroborada por Machado (2013), “apontam que um dos motivos para que essa transferência tenha ocorrido foi a facilidade de comunicação entre Salvador e Cacheira com a implantação em 1817 da navegação a vapor”.

Essas embarcações navegavam ao longo das margens do Rio Paraguaçu até a Baía de Todos os Santos, o que facilitava a comunicação Salvador - Cachoeira e a sentença inversa é também verdadeira. Nesta conjuntura, a cidade ganhou relevo no cenário sócio-econômico-político, por conseguinte, cultural, pondo-se como protagonista na economia baiana e brasileira.

Portanto é possível que os fatores acima tenham ocorrido na sua individualidade, ou de forma conjunta para à transferência da irmandade da cidade de Salvador para Cachoeira. Outrossim está legitimada nas histórias de vida de mulheres negras, aguerridas, as quais não admitiam curva-se às ideologias impregnadas de preconceitos advindas de todas as camadas da sociedade.

---

<sup>18</sup>VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia de 1850**. Tradução de Maria de Aparecida da Nóbrega. 2. ed. Salvador: Corrupio, 1999.

Elas foram e são defensoras dos seus direitos individuais e coletivos, manifestando e opinando para além do contexto da irmandade no exercício do “poder simbólico” tal qual designado por Bourdieu (2010), “o poder simbólico, é com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daquele que não querem saber que lhes estão sujeito ou mesmo que o exercem”.

Sendo assim, o poder se expressa quando essas mulheres se instrumentalizam através do conhecimento, trocas mutua de saberes, e desenvolvem seu projeto de construção de mundo com a perspectiva de uma sociedade mais igualitária, no qual o discurso tem que se harmonizar com a conduta, aqui o poder se evidencia.

Neste processo “As histórias de vida nos fornecem um belo lastro, porque ao enfocá-las abraçamos a vida em todos os seus aspectos visando a sua globalidade nas dimensões passadas, presentes e futuras, articuladas em uma dinâmica que é própria das histórias narradas” [...] (LE GOFF, 1996). Histórias de mulheres negras regidas por suas memórias, ou seja, a memória coletiva. Dentre as quais são evidenciadas por Machado (2013), cuja fala de algumas irmãs é transcrita e, portanto, citaremos a seguir:

Major Madeira de Melo veio a Salvador na Barroquinha onde a Irmandade da Boa Morte começou daí ele começou a expulsar as negras como Tia Ciata, Tia Gorência, entendeu, ele expulsou veio aquelas negras pra Cachoeira, e se encontrou com as negras do Engenho da Vitória e daí deu continuidade a Irmandade da Boa Morte. (Anália Leite (in memoriam), 76 anos, Cachoeira, irmã da boa morte, aposentada como operaria de armazém de fumo, baiana de acarajé, filha de Yansã).

A Irmandade foi criada na Barroquinha, o Major Madeira de Melo expulsou a irmandade de lá, e vieram pra cá e aqui se espalharam, juntamente com Tia Ciata, escrava alforriada, que foi para o Rio de Janeiro. (Almerinda Pereira dos Santos, irmã da boa morte, Maragojipe, 68 anos, aposentada como operária de fumo, orixá não declarado)<sup>19</sup>.

Os relatos acima são corroborados pelo historiador João Reis (1996) quando afirma que, “os nagôs do reino de Ketu, por exemplo, reuniam-se na igreja da Barroquinha em torno da irmandade do Senhor dos Martírios e, mais tarde, da devoção de Nossa Senhora da Boa Morte” (REIS, 1996, pp. 12-13). É neste contexto que se estruturou a confraria de caráter fraternal de mulheres pretas.

Assim a Irmandade da Boa Morte se configura nos anais da história como a primeira associação exclusiva de mulheres negras e essa característica perpetua-se até

---

<sup>19</sup>Texto extraído de Machado.

os dias atuais. Sendo organizada administrativamente segundo o grau de subordinação, hierarquia e disciplina. Assim, seus principais cargos são: juíza, provedora, escritã e tesoureira.

Após o discorrer sobre a fundação, trajetória e transferência da Irmandade da Boa Morte e sobre sua forma organizacional e administrativa com vista a alicerçar à compreensão dos nossos leitores e com o propósito de construir ponte que os conduzam ao objeto da pesquisa, a seguir abordaremos os aspectos pedagógicos contidos e expressos na tradição, memória e oralidade, nas narrativas de mulheres negras as quais compõem à irmandade.

### **3. OS ASPECTOS EDUCACIONAIS**

A pesquisa versar sobre os aspectos pedagógicos presente no ambiente contextual da Irmandade da Boa Morte. É neste cenário que formatamos o roteiro das entrevistas que trilharam em duas direções: vetor (a), sobre a trajetória e permanência na irmandade da boa morte; vetor (b), sobre a rede solidária de troca de saberes que enfatiza e, estimula uma educação propagada de geração em geração, pautada pela transmissão oral, memória/oralidade manifestada nos costumes, comportamentos e condutas. Para tanto, a história oral foi fio condutor da pesquisa, nesse sentido Queiroz, (1996), descreve:

A história oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade. Neste último caso busca-se a convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento, ou sobre um período do tempo. A história oral pode captar a experiência efetiva de um grupo, assim como relatos que contadores de histórias, poetas, cantadores, inventam num dado momento. (QUEIROZ, 1986, p.6).

Portanto é sob a perspectiva que a história oral como “objeto de estudo do historiador é recuperada e recriada por intermédio da memória dos informantes; a instancia da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas,

acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos” (AMADO, 2006, p. 12). Assim o uso da história oral nos conduziu e iluminou a dinâmica da nossa tarefa, cuja pesquisa está fundamentada sob os parâmetros conceituais da “Educação não-formal” cunhada por Gohn<sup>20</sup>.

A questão problema desta pesquisa está alicerçada em observações durante a trajetória acadêmica, graduação, em diálogos com outros graduandos, memórias, relatos e experiências vivenciadas de outros atores inseridos no processo de educação, de caráter não-formal.

“A cultura é concebida como modos, formas e processos de atuações dos homens na história onde se constrói. Está constantemente se modificando, mas, ao mesmo tempo, é continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidas de uma geração para outra. A educação de um povo consiste no processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente, gerando a cultura política de uma nação”. (GOHN, 2008, p. 98).

Na perspectiva descrita pela autora em adição do pressuposto de uma educação não-formal as pessoas inseridas neste processo educativo atuam, se apropriam e constroem história. Mas, ocorre a margem da formalidade postulada, estruturada e normatizada pelo Estado.

Assim vislumbramos a existência de uma educação específica e peculiar no seio da Irmandade da Boa Morte, com as transformações, mudanças e permanências atinente à trajetória histórica, em adição as trocas de saberes e ao dinamismo da sociedade a qual a irmandade está inserida.

Dessa forma, o processo educativo no qual a irmandade da boa morte está imersa é uma dimensão da modalidade da Educação não-formal. Em que explicita Gohn<sup>21</sup> (2008) “envolve a aprendizagens políticas dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos, isto é, processo que gera a conscientização dos indivíduos para a compreensão de seus interesses e do meio social(...)”.

De modo que homens e mulheres, especialmente mulheres negras norteadas por desejos, sedentas por direito a voz e arraigadas de emoções são vilipendiadas suas oportunidades. Entretanto, em uma postura de resistência são impelidas e ou motivadas

---

<sup>20</sup>GOHN, Maria da Gloria. **Educação não-formal e cultura política: impacto sobre associativismo do terceiro setor** / Maria da Gloria Gohn - 4ª. Ed. – São Paulo, Cortez, 2008, - (Coleção Questões da Nossa Época; v, 71).

<sup>21</sup>Gohn (idem)

pela ausência de políticas públicas que contemplem suas demandas, em outras palavras, são invisibilizadas, pela negação de direitos individuais e coletivos, ora negado e ora usurpados. Some-se a isto às dificuldades socioeconômicas as quais implicam na não acessibilidade a bens de consumo.

Por certo, essas mulheres estão inseridas na sociedade Cachoeirana e na Irmandade da Boa Morte interagem na história como sujeitos. Observam, avaliam, apropriam-se, preservam e gestam identidades sempre ancorada na ancestralidade e na “tradição inventada”<sup>22</sup> em conformidade com o conceito cunhado por Hobsbawm (2012) descrito em seguida.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento, através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer uma continuidade com um passado apropriado. (HOBSBAWN, 2012, p.19).

É nesta perspectiva que as irmãs elaboram sua identidade cidadã e são sistematizadas no seio da Irmandade da Boa Morte, hierarquizada no viés de permanência e transformações e produção de cultura<sup>23</sup>, como sinaliza HORTA (1999),

Cultura é um processo eminentemente dinâmico, transmitido de geração em geração, que se aprende com os ancestrais e se cria e recria no cotidiano do presente, na solução dos pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam. (Horta, 1999, p.7).

É nesta concepção de cultura pujante que está assentada a irmandade da boa morte. Conforme Rodrigues<sup>24</sup> (1985) “realizar solidariamente o trabalho que transforma a natureza em cultura, produzido ao mesmo tempo trocas solidárias”.

Portanto o exercício do educar na sociedade da Boa Morte, ecoa nos seus fundamentos: ritos de passagens, transmissão oral – narrativa, oralidade -, tradições com

---

<sup>22</sup> HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). **A Invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico; v. 55).

<sup>23</sup> HORTA, Maria de Lourdes Pereira. **Guia Básico de Educação Patrimonial – Brasília**: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. 68p.

<sup>24</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura**. 1ª Edição 1985. (redemocratização)

características implícitas de regularidade, estabilidade e uniformidade. E, de seus costumes variáveis explicitados por: valores, direitos, deveres e ou obrigações.

É como base nesse conjunto que se sedimentam os membros dessa irmandade, razão pela qual as levam a tecer elos sociais. Elos que as guiaram na elaboração desta pedagogia.

Com o propósito de instruir suas membras para o cotidiano com ênfase nos valores morais e éticos no campo sócio cultural e político; assim se destina a pedagogia no íntimo da irmandade. A qual se reverberam em espaços micro ao macro, aqui está inclusa a família e a comunidade, os capacitando no exercício cidadã e laboral não fazendo juízo de valor referente ao seu papel funcional na engrenagem que móvel o mundo do trabalho.

Por certo, essa pedagogia promove as suas afiliadas circulação e mobilidade na sociedade cachoeirana e por extensão na sociedade baiana através de suas performances ou hábitos nas práticas geradas, no desempenhar de diversos papéis no universo da representação cultural.

Logo é possível afirmar que os aspectos educacionais presentes no núcleo da irmandade se inserem na logicidade do respeito da hierarquia e da disciplina e com sólidas observações às questões de gêneros e de seus pressupostos, que está explícita na obediência as mais velhas, aquelas que detêm e partilham saberes que possuem. Assim como o poder dirigente, cujo estão incluídas as divisões de tarefas na comunidade, em uma manifestação de respeito, obediente, mútuo e docilidades no seio desta sociedade - Boa morte.

A ideia de educação no seio da irmandade não se restringe a noção de lecto escrita, assim como dos saberes expressos no intramuros escolares. E sim no processo basilar de uma educação para cidadania - “conduzir pelas mãos” - que recebe orientação imprimindo uma atenção direcionada para a praticidade do cotidiano de cada indivíduo, na capacitação e no influenciar comportamental, conforme podemos evidenciar nas falas das irmãs: Tia Belinha<sup>25</sup>, Dona Dalva<sup>26</sup> como podemos observar:

---

<sup>25</sup>Adenildes Ferreira de Lemos, 71 anos (São Felix, 2017)

<sup>26</sup>Dalva Damiana de Freitas, 90 anos, (Cachoeira, 2017)

“As mais antigas, que tá mais antiga lá, sabe mais das que está chegando né, aí passa para quem tá se iniciando, chegando”. (TIA BELINHA, SÃO FELIX, 2017).

“[...] desde que entramos na irmandade temos que ter uma vida social mais regrada né meu amor, de cair em bebedeira e nem essas coisas todas e não pode, não é para acontecer né, isso porque, pelo respeito que nós ganhamos né, a pessoa chega né, minha tia ou minha mãe ou minha vó. E uma pessoa praticando coisa que não né, já fica até você mesmo diz, poxa, aquela velha lá, risos, né isso? Então tem que ter exato isso é”. (TIA BELINHA, SÃO FELIX, 2017).

“A boa morte é união, é observada principalmente as que estão entrando agora, novata, são observadas porque não vai entrar logo assim, porque é uma irmandade. Essa irmandade é observada, onde exige respeito. Existe algumas preocupações assim, as preocupações é passar a vista de cada uma, no qual ta penetrando a modernagem agora não respeita mais, tinha aquele respeito e tem, porque quando nós entrávamos em visão da festa, se por acaso nós tivéssemos um marido, nós tínhamos que ter a responsabilidade e o respeito, não vacilava. Então pra os que estão entrando agora não sei se elas estão cumprindo, porque a gente cumpria e graças a Deus com esse cumprimento que a gente tinha, a gente não tem diferença de nada. Se algumas delas fizer a complementação diferente pra gente é uma falta de amor, falta de respeito por não considerar a onde está.” (D. Dalva, CAHOEIRA, 2017).

[...] “Dentro do exemplo da manifestação da irmandade temos que ter a realidade, o respeito, tem que ter o procedimento de que aquilo deve ser congregado com moral”. (D. Dalva, CAHOEIRA, 2017).

[...] “Ta viva. Já saia para a rua para todo mundo ver aquela linda procissão. Então daquela data para cá a gente tinha que ser bem... ficar ali ate dançar, brincar, comer, beber, beber pra ficar bêbada não, nada de bebida. Mas comida, educar, conversar com outras, pilheriar. Após o resguardo cada uma ia pra suas casas e estava livre de tudo”. (D. Dalva, CAHOEIRA, 2017).

De igual modo o que diz respeito a transmissão dos ensinamentos assim como na postura e compostura das irmãs na sociedade externa a comunidade pode ser observar na fala de irmã Dona Neneu<sup>27</sup>

“Ho! a passagem é feita pelos as irmãs mais velhas, vai ensinando a nós mais nova. Agente tem que ter uma obediência rigorosamente. Não pode dizer assim. Há, falou não vou fazer, não, ali é doutrina, é disciplina e tudo aquilo ali agente para aprender para outras que vem entrando agente poder também saber ensinar”. (DONA NENEU, MANAGABEIRA 2017).

[...] “E o interesse pra você aprender, para você saber, você tem que dar a sua dedicação no máximo, que elas até elas, não se omitem de ensinar. Agora é do teu interesse querer aprender, por ser irmã, então tu queres aprender, tu tens que se dedicar. Se tu fores preguiçosa, há, você fica aqui, mas também você não aprende nada e que você não vai

---

<sup>27</sup>Neci Santos Leite, 59 anos, exerce o cargo de escritã até agosto de 2018. (Mangabeira 2017).

ver nada, porque lá é no horário. Agora pra público, uma fala o que quer, mas o segredo é na oralidade, é por isso que que ali vem passando de geração em geração de uma pra outra, como se diz: de mãe para filha, de mãe pra filha como daí tem muitas, mãe pra filha, mãe pra filha”. (DONA NENEU, MANAGABEIRA 2017).

[...] “Eu não posso ter uma vida social vulgar, onde eu vou dizer assim, eu fui uma mulher de muitos homens, em bar, bebedeiras, não. E hoje é pior ainda, é muito restrito, porque uma irmandade, hoje você passa a me conhecer, amanhã se você ver eu fazendo algo, poxa aquela é a irmã da Boa Morte? Você vai achar um absurdo eu fazendo certas coisas. Então agente hoje, tem uma felicidade, mas muitas coisas restritas”. (DONA NENEU, MANAGABEIRA 2017).

[...] “Por que é uma irmandade de mulheres negra, a gente sofre muito preconceito. Nem tudo ali são flores, tem muito espinhos, agora a gente ali luta, debate, pra isso a irmandade tá ali até hoje vivinha fazendo o que você vê, foi lá e viu, é muita luta, briga em justiça, com uma população racista que acha que aquela igreja não deve existir, não pense que é beleza não, é por isso que bem dizer é curiosidade, gratificante que somos mulheres negras, uma irmandade que foi nascida dentro de uma senzala e tá até hoje na resistência”. (DONA NENEU, MANAGABEIRA 2017).

É possível inferir que a essência dessa pedagogia visa romper com abandono que aflige uma parcela da população, mulheres negras, e, traz a superfície as exigências de direitos básicos numa configuração social de igualdade de oportunidade e respeito à diferença, gerando possibilidades plena na sua integralidade. Convém subscrever que o abandono que se incidem sob esse viés da população é nutrido por conceitos prévios os quais alicerçaram a sociedade brasileira - senhores e escravos, dominadores e dominados, empregadores e empregados, além de dos ditames de ideais machistas – sempre soube os paramentos da política contida na ideologia dicotômica: Império x Republica; conservadores x liberais, e os pseudos neoliberais; esquerda e direita; dentre outras. Cujos são atuais e presente na sociedade brasileira.

Do mesmo modo podemos observar que na dinâmica do cotidiano da irmandade da Boa Morte estão presentes trocas mutuas de saberes, as quais fazem a dimensão do educar, conforme sinaliza Luz (2013),<sup>28</sup>

No interior desses modos de afirmação e reconhecimento, importa observar mais atentamente também a dimensão educativa e sua contribuição no surgimento e funcionamento de tais entidades, na medida em que a dinâmica associativa era formativa já que implicava

---

<sup>28</sup> Luz, Itacir Marques da. **Sobre o Caráter Educativo das Irmandades Negras no Brasil Oitocentista.** Conhecimento histórico e dialogo social -Natal. RN, 22-26 julho 2013 ANPUHI.

na circulação de valores e saberes. Sendo assim, podemos dizer que muitas das realizações dos negros tomaram o caráter formativo e socializador da educação como algo fundamental na tarefa de construir a vida no contexto adverso da sociedade escravista. (Luz, 2013, ANPHUI. XXVII SIMPOSIO NACIONAL DE HISTORIA)

São estes os pressupostos da pedagogia, em nossa compreensão, vigente no seio da irmandade, os quais estão fincados em uma sólida estrutura religiosa, de dupla pertença, de matriz Africana e ancestralidade, memória da terra natal, familiares e devoção católica a Nossa Senhora da Boa Morte. Bem como, os seus ritos pertinentes a dualidade de origem em consonância com Castro<sup>29</sup> (2005), “As irmãs com muita desenvoltura frequentam rituais correspondentes as duas religiões”. Acrescenta a isso, a origem e modelação dessa irmandade, na construção de uma memória híbrida, de acordo com Machado<sup>30</sup> (2013).

A hibridação se origina da criatividade individual e coletiva, que busca reconverter um patrimônio em novas condições e não ocorre de forma planejada, o que não implica em fácil integração e fusão de culturas. (MACHADO, 2013, p. 119).

Conclui-se que, houve esforço desmedido para manutenção da Cultura norteadada na ancestralidade Africana e é nela que se forjam as identidades em solo hostil, além de reforçar os laços de fraternidade que as uniram e as unem como verdadeiras irmãs na irmandade.

Aqui a educação é usada para apoiar a resistência cultural, em oposição a ideologia presente nas ações de Estado, capitaneada por uma elite conservadora, a de inculcar preceito de moralidade e civilidade. É importante enfatizar o potencial, as forças de resistência à cultura global, que nesse aspecto podemos denomina-la de "resiliência" às mentalidades locais tradicionais.

Assim sendo, nessa irmandade cuja educação não segue as regras vigentes, sistematizada na sociedade brasileira e intramuros da instituição escolar a transmissão de saberes se faz cotidianamente, não importando qual o lugar.

---

<sup>29</sup>Castro, Armando Alexandre Costa de. **A Irmandade da Boa Morte: memória intervenção e turistização da Festa em Cachoeira, Bahia**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Santa Cruz, 2005

<sup>30</sup>Machado, Luana Verna Nascimento. Poder feminino e identidade na Irmandade da Boa Morte (Mestrado) Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, Bahia, 2013.

Ali está presente a divisão de trabalho, dos saberes e suas trocas na perspectiva que o outro tem, continuamente, um aprendizado a ser socializado ou a oferecer dentro de uma percepção de respeito, sem profissional na área da pedagogia, pois cada mulher na sua imponência, perceptivas nas linhas da expressão facial e física, numa maturidade adquirida ao longo da trajetória de vida! Tornam-se agentes educadoras, mantendo vivo o princípio de resistência, permanência e transformações os quais dão sustentáculos para sobrepor as barreiras do tempo secular.

Os mais velhos, Griôs, são assim, depositários da memória pregressa, via oralidade, no exercício e prática de sua realidade cotidiana, dos conhecimentos, das técnicas, das tradições e ritos.

Na formalidade do “rito” é possível elencar alguns aspectos que o marcam ao longo do tempo, como: a previsibilidade e a harmonização, que desperta sensações de controle social e de prazer respectivamente; a repetição, atrativo à memória; a ação organizacional, - hierarquias regras e obrigações - que nos conduzem a coerência.

Todo esse arcabouço são peculiaridades fundamentais e culturais que estão contidas no cenário da Irmandade da Boa Morte e neste viés ganham significados singulares. “Por isso legitimam o conteúdo (*pedagógico/educacional – grifo meu*) que por meio deles se apresenta, preservando a memória essencial de um povo”. (Cfr.Eliade:2001). Por conseguinte, é nesse repertório que pauta a pedagogia, processual, de transmissão de saberes na irmandade da Boa Morte.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente artigo nos possibilitou avaliar o processo do educar no seio da Irmandade da Boa Morte. A pesquisa tem por objetivo analisar os aspectos pedagógicos e as relações de natureza instrutivas no seio da Irmandade, buscando entender os estímulos, práticas e representações no processo educativo e suas

particularidades. Visando compreender a pedagogia existente nas trocas mutuas de saberes no cotidiano da irmandade.

Pois nessa irmandade, constituída de mulheres negras oriundas das camadas mais humildes da sociedade cachoeirense/baiana, alijadas de sua condição cidadã, mulheres com dupla pertença religiosa, advinda do processo híbrido, são protagonistas de uma educação que se transmite de geração a geração, que realiza e perpetua-se traçado numa estrutura hierárquica e disciplinada. Compartilhada na transmissão de troca mutuas de saberes e costumes no viés da memória e oralidade. Conduzido em um enredo de interdependências no tecer novos arranjos pautado nas necessidades, para além da individualidade.

De modo que, ali se faz presente uma pedagogia que não se restringe a noção de ler e escrever, aprisionadas nos intramuros escolares. E sim no processo basilar de uma educação para cidadania - “conduzir pelas mãos”. Assim a educação é usada para apoiar a resistência cultural, em oposição a ideologia que invisibiliza e aprisiona pessoas e seus sonhos, presente nas ações de Estado na concepção e aplicabilidade de suas políticas públicas, capitaneada por uma elite conservadora as quais buscam a manutenção de “seus espaços”, some-se a isso o status quo.

Nesta perspectiva a pedagogia se alicerça na transmissão de saberes e suas trocas, no entendimento que o outro possui. Um aprendizado a ser socializado e ou oferecido dentro de uma percepção de respeito, pois, cada mulher na sua imponência, constitui-se em agentes educadoras, mantendo vivo o princípio de resistência, permanência e transformações os quais dão sustentáculos para sobrepor as barreiras do tempo, secular.

Para o desenvolvimento da pesquisa, temos por fio condutor a memória e oralidade sob os pressupostos da História Oral ancorado na modalidade historiográfica da nova história cultural e, nesta somatória usamos da seguinte metodologia: o questionário aberto com um prévio roteiro. Assim a interlocução das irmãs membros da Irmandade da Boa Morte, apresentaram resultados explícitos e implícito as quais descortinou a existência de uma pedagogia que se estrutura na periferia do sistema oficial de educação. E essa se manifesta no “conduzir pela as mãos” no cotidiano de cada irmã.

Assim ao nos referimos à pedagogia expressa no seio da irmandade cremos que a pesquisa pode evoluir, em seu horizonte e ser capaz de ampliar a compreensão<sup>31</sup>. Neste particular, propomos para tempo futuro.

Enfim, a pesquisa em lide traz a luz e alcança a compreensão do caráter educativo presente no seio da Irmandade da Boa morte. O educar, dar-se-á no processo basilar de uma pedagogia para cidadania - “conduzir pelas mãos” - que oferece orientação transmitindo uma conduta norteadora para o cotidiano de cada irmã, capacitando-as e o influenciando seus comportamentos. É nesse sentido que a pesquisa corrobora para inflexões pedagógicas com algumas possibilidades, em particular no que tange à história local.

De modo que, no quesito que versa sobre a contribuição da pesquisa podemos citar, a de impulsionar os educadores e comunidade escolar a refletir sobre as práticas e representações. Some-se a isso a pluralidade de possibilidades, do educar o outro em uma metodologia que não a do sistema oficial de ensino. Outra contribuição é expressa na ação de socializar os paramentos dessa pedagogia e, informar aos profissionais da educação sobre a papel social da Irmandade na formação de futuras jovens, mulheres cidadãs críticas capazes de interagirem na sociedade, as quais vivenciam suas experiências, com uma visão de mundo diferenciada e ampliada.

---

<sup>31</sup>Tomemo-los como exemplo que a ferramenta, questionário, seja efetuado com todas as irmãs que compreende a totalidade, ou seja, entrevistarmos toda a mandade da Boa Morte, bem como a análise documental, “o compromisso”, da instituição. De igual modo a análise da iconografia pertencente à irmandade. Assim nos possibilitará efetuar uma melhor exegese da pedagogia aqui descortinada.

## REFERENCIAS

AMADO J, FERREIRA, M. de M. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. in Bourdieu, P. A ilusão biográfica.

AMADO Janaina, FERREIRA, Marieta de Moraes: **Usos e abusos da história oral**/ coordenadoras. – 8. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura** / Carlos Rodrigues Brandão, - Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.

CAPUTO, Stela Guedes. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé** / Stela Guedes Caputo. – 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. p.296.

CARVALHO, Juvenal de. **Uma conversa sobre as Áfricas**. Salvador: Martins e Martins, 2012.

CASTRO, Armando Alexandre Costa de. **A Irmandade da Boa Morte: memória intervenção e truristização da Festa em Cachoeira, Bahia**. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Santa Cruz, 2005.

CHARTIER, Roger. **A História cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bretrand. Brasil, 90.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

**Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa** Muylaert CJ, Júnior VS, Gallo PR, Neto MLR, Reis AOA. Rev Esc Enferm USP 2014; 48(Esp2):193-199. Disponível em: [www.ee.usp.br/reeusp/](http://www.ee.usp.br/reeusp/)

HOBSBAWN, Eric e RANGER Terence. Organização. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997. Tradução de Celina Cardin Cavalcante, 6ª ed.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não-formal e Cultura Política: impacto sobre**

associativismo do terceiro setor / Maria da Gloria Gohn - 4ª. Ed. – São Paulo, Cortez, 2008, - (Coleção Questões da Nossa Época; v, 7I).

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **Negros e Educação no Brasil. 500 anos de Educação no Brasil**, 2010.

GUY Debord (1931 - 1994). **A Sociedade do Espetáculo**. 2003. Fonte digital base, digitalização da edição em pdf originária de: [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia). Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>

LUZ, José Augusto e SILVA, José Carlos, **História da Educação na Bahia** organizadores; Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro... [et al.]. – Salvador: Arcadia, 2008.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **1902-1982. Raízes do Brasil** / Sergio Buarque de Holanda. – 26. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Cap. 5. “O homem cordial”.

HORTA, Maria de Lourdes Pereira. **Guia Básico de Educação Patrimonial** – Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. 68p.

IBGE. Instituto Brasileiro de geografia e estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> fonte câmara municipal de Cachoeira.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Desafio e Desenvolvimento. A guerra que orgulha a Bahia**. Disponível em: [http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3206&catid=28&Itemid=39](http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3206&catid=28&Itemid=39)

ISABEL REIS, Cristina Ferreira dos. **Histórias de Vida Familiar e Afetiva de Escravos na Bahia do século XIX**. (Mestrado) Universidade Federal da Bahia, Salvador-Bahia. 1998.

LE Goff. Jacques. **História e Memória**, Campinas Editora da UNICAMP, 1996.

LOPES, Eliana Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes VEIGA, Cynthia Greive. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p.606 .

LOPES. Eliane Maria Teixeira, FILHO, Luciano Mendes Faria, VEIGA Cynthia

Greive, **500 anos de Educação no Brasil** – 4ª ed – Belo Horizonte. Autentica 2010

LUZ, Itacir Marques da. **Sobre o Caráter Educativo das Irmandades Negras no Brasil Oitocentista**. Conhecimento histórico e dialogo social -Natal. RN, 22-26 julho 2013 ANPUHI.

MACHADO. Luana Verena Nascimento. **Poder feminino e identidade na Irmandade da Boa Morte**. – Cachoeira. 2013. fl.179.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELO, Arlete M; MAGALHÃES, Marcelo (orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad X, 2007.

NASCIMENTO, Claudio Orlando Costa do. Jesus, Rita de Cassia Dias Pereira de. **Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais: progressiva**, 2010, pgs.338.

NOVAIS, Fernando. **Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial**, (1777 – 1808). 5ª ed. 1989.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992; traduzida por Monique Angras. A edição é de Dora Rocha.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. **Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REIS. João José. **Tempo Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1996, p. 7-33. 13.

\_\_\_\_\_. **Magia jeje na Bahia: A invasão do calundu no pasto de Cachoeira**, 1785. São Paulo, Revista Brasileira de História, v. 8, n. 16. 1988.

ROCHA, Maria José e PANTOJA, Selma. Org. Rompendo Silêncios. **História da África nos Currículos da Educação Básica** – Brasília, DF: 2004.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos candomblés: perseguições e resistência no Recôncavo da Bahia** / Edmar Ferreira Santos. – Salvador: EDUFBA, 2009.

SANTOS, Jadson Luiz dos. **1973 Cachoeira III séculos de História e Tradição**. Salvador, Bahia: Contraste Editora Gráfica, 2001.

SANTOS, Roseneire. **A Escolarização da População Negra Entre o Final do séc. XIX e o Início do séc. XX** – IFBA.

SILVA, Elizete Da. **Irmandade Negra e a Resistência Escrava**. Sitientibus, Feira de Santana, n.12, p. 55-64. 1994

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. **Método história oral de vida**. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr. 2010.

THOMAS, Jérôme (tradução: Carmem Lucia Soares) **as crianças tupinambás e sua educação no século XVI: ternura, dor, obediência**.

VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia de 1850**. Tradução de Maria de Aparecida da Nóbrega. 2. ed. Salvador: Corrupio, 1999.

## ANEXOS:

### ROTEIRO DA ENTREVISTA

Universidade Federal do Recôncavo

Projeto: “O Educar no seio da Irmandade da Boa Morte”

Data: \_\_\_\_\_

Nome da entrevistada: \_\_\_\_\_

Entrevista/Depoimento

Entrevista realizada no dia \_\_\_\_\_ com a Senhora \_\_\_\_\_ por Djalma Santana.

1. Dona \_\_\_\_ qual o seu nome completo e qual a idade da senhora?
2. Qual foi o ano que a senhora entrou na Irmandade da Boa Morte?
3. Quanto tempo permaneceu lá? Quando a senhora se filiou à instituição, Boa Morte, a senhora era alfabetizada, sabia ler escrever? Qual o grau de instrução, ou seja, até que ano a senhora estudou?
4. Qual ou quais, foram, os motivos que levaram senhora entrar na boa morte?
5. Como é ou era feito a transmissão das atividades? E de que forma é/era passadas os ensinamentos (doutrinas, lição, preceitos, rituais e normas) às irmãs?
6. Existia alguma recomendação, das superiores, de como se comportar fora da irmandade? Comente.
7. No quesito educar por transmissão das tradições; como era ou são passados os ensinamentos com o cuidado com a saúde (corpo e espírito)? - Através dos que costumeiramente chamamos de benzer (benzedoras e ou curandeiros, curandeiras); com uso das plantas, folhas, raízes e ervas como remédios.
8. Existia uma idade mínima (faixa etária) para que esse ensinamento seja/fosse passado/transmitido?
9. As noviças podem participar de todo e quaisquer rituais?
10. E as crianças? Como se dava o processo de alfabetização (o ensinar ler e escrever) dos filhos e filhas das irmãs?
11. Existiam alguma “escolar”, ou “sala que funcionava com objetivo de ensinar as crianças”, no interior da boa morte? Quem era a responsável por ensinar essas crianças, existia uma irmã para essa função?
12. Havia por parte da irmã “provedora/juíza alguma preocupação com as irmãs noviças, recém iniciadas, analfabeta, se sim qual?

13. Qual a importância da, da Irmandade da Boa Morte na sua vida, a partir da sua iniciação?

14. caso a senhora já tenha se afastado do dia-a-dia da irmandade, do que a senhora lembra e tem mais saudades daquele tempo em que lá compartilhou com as demais irmãs?

15. E hoje? Como a senhora vê a boa morte?